

ECOS DA SEMANA

SOBRE UMA PEÇA...

A protecção do Teatro Nacional às obras mediocres

O Teatro Nacional levou há dias uma peça que nos deve merecer aqui alguns leves comentários.

Essa peça chama-se «Vivette» e é das piores coisas que tem o teatro francês. Artificio evidente, scenas inconcebíveis, assunto mediocre e já explorado sob todos os aspectos — e até um telefone com alguns metros de fio, que é arrastado de casa até ao jardim, para que os espectadores ouçam duas comunicações, que o autor não teve talento de nos fazer ouvir por outra forma...

E' do pior, repetimos, que se tem feito no teatro francês — e mesmo nos teatros de última categoria. Há trinta anos essa peça seria compreensível, se não succedesse no cartaz a qualquer dos dramas de Sardou, artificiais mas muito bem realizados.

Hoje, em que os próprios mediocres que infestam o teatro francês — o teatro para um público sem cultura e sem noções da verdadeira Beleza — como Frondaís, Meré e Wolf, conseguem dar as suas obras de fancia uma certa decência estética e naturalidade dramática, a «Vivette» não tinha razão de existir, não tinha razão para aparecer no palco do nosso primeiro teatro.

Em Paris ela já tinha conquistado um suave fracasso...

Porque veio então, até ao Nacional? Não queremos fazer qualquer insinuação sobre o poder que o dr. sr. Vasco Borges, tradutor da «Vivette» tem no Teatro Nacional, poder que levaria a administração daquele Teatro a montar a insonsa peça.

De resto, a questão que nos interessa e que deve interessar a todos os intelectuais portugueses é outra. O que nos interessa é que uma peça, que a administração do Nacional tinha a obrigação de lhe constatar a inferioridade, fôsse — qualquer que seja a influência, o pretexto invocado — levada à scena.

E que fôsse levada com um luxo, com um bom-gosto, que são de louvar, mas são também dispendiosíssimos e mal empregados numa obra da categoria da «Vivette».

Contra isto é que nos insurgimos — e insurgimo-nos porque o Nacional, em vez de proceder à montagem de obras que podessem constituir belos exemplos teatrais, já pela sua efabulação, já pela sua técnica, já até por sua essência ideológica, perde tempo e dinheiro com verdadeiros abortos dramáticos, como este a que vimos de nos referir.

Se esta peça fôsse portuguesa, estamos certos de que a direcção do Nacional, constituída por homens experimentadíssimos em teatro, recusá-la-ia imediatamente.

Porque se levou então a «Vivette», com prejuizo de alguns originais portugueses e estrangeiros, onde podia ser aplicado o dinheiro que se gastou na montagem desta peça? Porque se levou a «Vivette» quando o seu autor nem sequer precisa do nosso estímulo para triunfar?

E' isto que não se compreende e é contra isto que protestamos, especialmente pelo facto ter partido dum teatro que pretende ser o orientador de todo o teatro português.

Se a peça de Jacques Deval encerrasse algo de inédito, algo digno de ser difundido entre

Manobras da esquadra CAVALGADA DO SONHO

Aparece esta semana o novo livro de Julião Quintinha

DEVE aparecer esta semana o novo livro de novelas do nosso amigo e colaborador Julião Quintinha, intitulado *Cavalgada do Sonho*. O autor do *Visinhos do Mar* e *Terras de Fogo*, que nestas obras, já na segunda edição, obteve um grande êxito literário, nas páginas do seu novo livro mantém a mesma orientação social, ganhando maior perfeição literária.

Dessê livro, certamente destinado a igual êxito que as suas obras anteriores, transcrevemos, a seguir, algumas páginas da abertura.

\*\*\*

«De onde vem, para onde vai, esta enlouquecida cavalgada — sombras branquecidas de luar, olhos arroxeados na ilusão, mãos ensanguentadas em inúteis crimes, o coração aos pulos, e os pálidos lábios a tremer!...»

Em demanda das vislumbreadas terras do Ideal, vertiginante e louca a despenhar-se de montanhas, transpondo abismos, impetuosa como as correntes soltas de mil Niagaras revoltos — ei-la que passa, e corre, e voa, a Cavalgada do Sonho!

Umaz vezes, longinqüamente, soa seu tropel em algazarra ébria, erguendo cânticos de triunfo e glória toados em búzios e trombetas, e vê-se passar muito ao longe, agitando labaros, escudos e estandartes, desaparecendo ao clarão dos poentes que ensangüentam planícies, ou envolta na poeira doirada dos desertos e sertões.

Outras vezes surge no rastro das águas, galgando em nervosos corceis à cúpula dos lendários montes. E, envolta em nuvens, zombando dos abismos, erguem suas tendas nos oincaros das rochas e cordilheiras, enamorada das estrelas e do Sol.

Depois de fugir à inclemência das tempestades, oculta nas misteriosas cavernas renanas, e de passar as horas tórridas do meio dia à sombra dos sagrados carvalhos e palmeiras, para que lhe dessem pousada, foi bater à porta das cidades santas. E continuou a galopar, a correr através do tempo, lutando nas mil batalhas da Asia, da Africa, da Lusitânia, vendo erguer-se, num dia, o mármore cinzelado da Acrópole de Atenas, e assistindo, no outro dia, ao negro crepúsculo romano às portas de Bizâncio...

Umaz vezes esfomeada de pão, outras sedenta de justiça, ainda outras ansiosa de amor, não mais parou a errar, a correr pelo mundo, coberta de sedas ou farrapos, em procura da Glória, da Beleza, da Liberdade...

Nessa nervosa cavalgada de figuras espectrais, que vem dos confins de remotíssimos séculos, e que umas vezes é xairrelada a veludo e oiro, ou abroquelada de bronze e aço, e outras patenteia as mazelas de seus ginetes feridos e esfomeados, passam cavaleiros de todo-o matiz: Ali veem os estranhos primitivos, faces terrosas ainda alumadas da primeira luz que os deslumbrou nos platós da Asia, seminus, mal velados nas peles de urso, sancolejando braceletes e colares de conchas, armados de xáras e lanças de sílex e rena. Os guerreiros das tribus dos samnitas, etruscos, lucanos e cantabros, mais os lídios ferozes que usavam brincos e saias. Os gregos esveltos, esguios e delicados como apolíneas estátuas de mármore, e os romanos, balouçando suas cristas vermelhas e negras, todos revestidos de brevas e lorigas em escamas de aço luzente.

Passam os príncipes asiáticos, calçando coturnos de bronze, escudos tauceados de oiro, capacetes franjados de corais caíndo como mantos. Exquisitos capitães bábaros tatuados de figuras e ramagens, de dentes alvos a luzir nos rostos pintados de vermelho e azul. Colossais cimbro e teutões de longos cabelos esbran-

queados, pesaços como torres, e que faziam tremer a terra. Misteriosos filhos do deserto, os bronzeados da Arábia, os negros beduínos, as selváticas amazonas e bárbaras virgens nuas sôb o manto dos seus próprios cabelos, galopando sem estribos, nervosamente agarradas às crinas dos loucos corceis. E, finalmente, todos os mil tipos das cinco partes do mundo — gualezes, lusitanos e saxões, os godos que pelejaram contra os sarracenos, os germanos que erraram embruxados pelas margens do Reno, os atlânditas dos Andes, os indígenas africanos, e os índios vermelhos e doirados da misteriosa Oceania.

Não tem fim essa onda multicolor de telíses, xaireis de camurça, brocados carmezins. E chispam clarões de bordados de oiro, em escudos de cobre e bronze, nas escamas polidas do aço das couraças, na prata cinzelada dos estribos e peitorais, nos milhões de rosetas e fivelas doiradas, no oiro das águas, dos simbólicos cisnes, dos heráldicos leões estampados em guadrapas adamascadas, negras, roxas e escaurates rojando pesadas franjas de seda, lhama e pedraria.

E sobre todo este mar ondeante — orgia de oiro, sangue e côr — esvoaçam as flâmulas e insignias, os penachos, as plumas, os arminhos, as strings dos sacerdotes, as túnicas e pepulos dos tribunos e matronas, as purpuras dos cônsules de Roma, os mantos negros dos sufetas do Cartago, os cabelos e véus das amazonas do deserto, os farrapos dos escravos, e as clamides dos Imperadores.

As vezes, quando a cavalgada pára um momento, para repousar sôb a luz das estrelas, ou para ir matar a dura sede nas cisternas e rios, cessa o tropel. Logo a grandeza do silêncio é quebrada por um formidável clamor que abala a terra, fazendo tremer os efémeros Alexandres, Aníbalés, Perseos, Cezares e Napoleões...

Junto às tendas doiradas onde repousam os magníficos de tôdas as eras, surgem milhões de figuras esfaimadas, sombras proletarianas de torturados e iludidos, rostos pálidos, olhos de febre, punhos cerrados, exaustos de cansaço, feridos da soberba alheia, e sem verem chegar seu dia...

«Pão, Liberdade, Amor!...» E enquanto este formidável grito vai reboando pelas planícies e fragueados, estoirando, como um soluço enorme pelas idades fora, os idealistas soltam palavras de piedade e alento, apontando com as mãos trémulas a cidade ideal... para onde se põe, novamente, a caminho a eterna cavalgada...

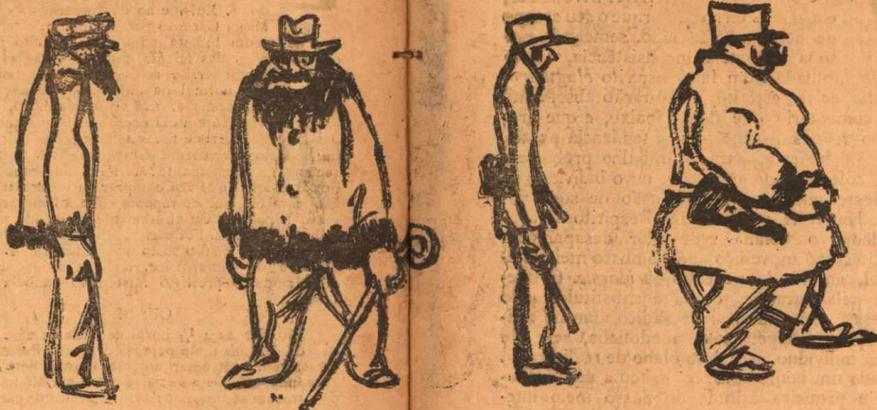
JULIÃO QUINTINHA

\*\*\*

Juntamente com *Cavalgada do Sonho*, é posta à venda a 2.ª edição de *Terras de Fogo*, que vai no 4.º e 5.º milhar.

«Que nos importam a vossa Pátria, as vossas fronteiras e as vossas delimitações arbitrárias e povos? A vossa Pátria explora-nos; as vossas fronteiras asfixiam-nos; as vossas nacionalidades são-nos estranhas. Somos homens, cidadãos do universo; todos os homens são nossos irmãos; os nossos únicos inimigos são os nossos senhores, os que nos exploram, nos impedem de evolucionar livremente de nos desenvolvermos em toda a plenitude das nossas forças. Não queremos mais servir de joguete, não queremos mais fazer-nos defensores dos seus privilégios, não queremos mais deixar impornos a libré degradante do vosso militarismo, o jugo embrutecedor da vossa disciplina...»

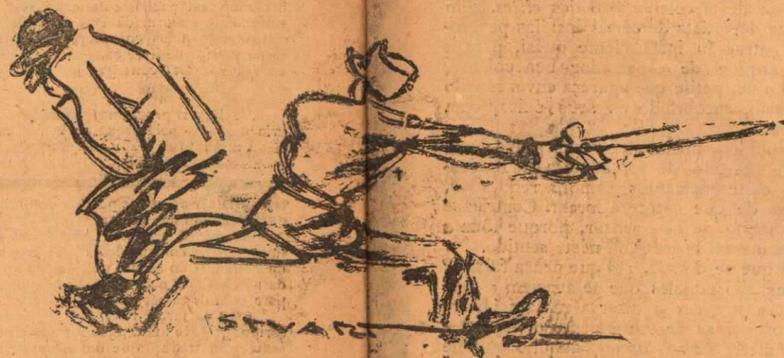
«Não queremos mais curvar a cabeça; queremos ser livres. — JEAN GRAVE



Couraçado... Guarda-costas... Submarino... Dreadnought...



Monitor... Aviso... Gasolina... Caça-minas...



Destroyer...

nós, a-pesar-de todos os seus defeitos, ainda se expava a sua inclusão no repertório do Nacional. Mas «Vivette» é tudo quanto há de mais mediocre, de vulgar, de charro. E assim não se justifica a sua

dispendiosa representação, quando todos sabemos que um original português nas mesmas condições de «Vivette» dificilmente — oh! mui difícil e pobremente! — seria representado.

Exortação à mocidade...

Malheiro Dias foi, durante alguns anos, um escritor muito apreciável, que pôde fazer, à margem da sua obra política, uma obra literária de grande brilho.

«A paixão de Maria do Céu», se não é um dos melhores romances da literatura portuguesa dos últimos anos, é, pelo menos, um dos mais interessantes.

Mas com o tempo Malheiro-Dias embotou-se, cristalizou. E a sua obra original foi preterida por uma obra coordenativa: «A história da Colonização Portuguesa no Brasil».

Ultimamente, porém, Malheiro Dias, valendo-se do prestígio que lhe dera a sua obra original e a sua ausência por alguns anos dos cenáculos literários de Portugal, deu-se ao necio prazer de acariciar múmias, de afigurar espectros — e tornou-se, com Antero de Figueiredo, em paladino de D. Sebastião e de outras sombras pretéritas. E fez conferências católicas, fundindo assim no espírito de quem o ouviu as trevas do obscurantismo. E não satisfeito ainda, fez também uma «Exortação à Mocidade», que agora nem de ser publicada em livro.

«A que exorta Malheiro Dias a mocidade portuguesa e brasileira? Para a luta dos grandes ideais? Para as sedas da emancipação futura? Para o culto da humanidade livre?»

Não. Malheiro Dias exorta a mocidade luso-brasileira a trilhar os negros labirintos do reaccionarismo; exorta-a a opor-se às conquistas da Liberdade, exorta-a a adorar a Deus, a pátria e seus heróis de antanho, e dizer, a adorar a escravidão e os escravizadores.

Para uma mocidade — a mocidade burguesa a que Malheiro Dias se dirige — já reaccionaria por condição, as palavras do autor do «Filho das eras» terão possivelmente a influência das palavras pronunciadas pelos lábios austeros dum apóstolo.

Mas para mim, que também sou novo e que levo como único estandarte vitorioso o orgulho da minha independência, o orgulho supremo de não me curvar perante homens ou mitos, esse orgulho que só possuem e compreendem as almas verdadeiramente livres, sem nenhum estigma de escravidão, as palavras de Malheiro Dias soam algo longínquas, fazem-me sorrir, parecem-me apenas um eco do passado — parecem-me até que não foram pronunciadas...

Para mim e para toda a mocidade livre, as palavras de Malheiro Dias não foram, de facto, pronunciadas... Só existe aquilo em que o homem acredita. E nós não acreditamos nas palavras de Malheiro Dias. Nós não acreditamos na mentira da história, no sofisma dos ideais, nas vestes enganosas da religião e do patriotismo. Nós só acreditamos na verdade da vida, no sofrimento do homem, na impercível beleza da liberdade. Nós só acreditamos naquilo que Malheiro Dias nega.

«Estamos em minoria? Embora! Foram sempre as minorias que despedaçaram as algemas que têm oprimido, através dos séculos, as maiorias.»

F. DE C.

